

Brasil deverá manter estratégia

TERÇA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 1989

da dívida

Porta-voz do Tesouro americano afirma que pacote brasileiro já previa as mudanças

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — O México e a Venezuela poderão se tornar os primeiros testes da nova proposta americana de redução da dívida externa do Terceiro Mundo, porque estes dois países abrirão negociações com os bancos comerciais em Nova York nos próximos dias. “O Brasil está em situação diferente porque completou suas negociações recentemente”, disse ontem, David Mulford, do Departamento do Tesouro.

O Brasil, provavelmente, vai querer anular seu acordo, o sr. não acha? —, perguntou um repórter a Mulford, que está esperando a confirmação do Congresso para o cargo de subsecretário de Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro.

—Não acho, Mulford respondeu. “O pacote brasileiro tem um importante mecanismo de redução de dívida, que são os *exit bonds*, ou títulos de saída. Ele também tem um programa de conversão de dívida em investimentos. Os brasileiros manterão o pacote porque há vantagens a ganhar. Depois, com as mudanças feitas, o Brasil pode pleitear novas oportunidades. Agora, teria pouco a ganhar se suspender as operações, para adotar uma atitude de espera. Isto vai levar tempo...”

David Mulford insistiu várias vezes, em seu encontro com a imprensa internacional, na manhã de ontem, que os Estados Unidos têm apenas algumas idéias e sugestões — produtos de um longo processo de revisão da estratégia da dívida — e não um plano detalhado.

“São só isso: idéias e sugestões, o começo de um processo”, disse. Ele também atribuiu essas idéias e sugestões ao secretário do Tesouro, Nicholas Brady, “com o apoio da administração Bush”, e em nenhum momento admitiu que o conjunto delas devesse contar com a

assinatura do presidente George Bush, como o plano para resgatar o sistema de poupança americano.

Mulford lembrou que os princípios fundamentais da estratégia americana para a abordagem do problema da dívida do Terceiro Mundo continuam ainda em vigor: os países devedores devem ser tratados caso a caso, e só encontrarão uma saída para a crise se crescerem, com reformas em suas economias e apoio financeiro externo.

As novas sugestões americanas, como explicou Mulford, dão mais ênfase a novos investimentos e ao repatriamento de capital, e redirecionam recursos disponíveis no FMI e no Banco Mundial para o apoio a transações de redução da dívida e do serviço da dívida concluídas entre os bancos comerciais e os países devedores.

A primeira grande discussão internacional sobre a iniciativa vai ocorrer em abril, em Washington, durante a reunião do FMI e do Banco Mundial. O secretário do Tesouro Americano, Nicholas Brady, pediu a suspensão, por três anos, na sexta-feira, de algumas cláusulas contratuais dos acordos entre bancos credores e devedores, assim abrindo o caminho para negociações de redução da dívida. “Três anos é o tempo para podermos avaliar o tipo de operações de que estamos falando”, explicou Mulford.

FUGA DE CAPITAIS

Os bancos comerciais, numa primeira avaliação de Mulford, “mostraram-se com boa vontade” em considerar as idéias e sugestões feitas pelo secretário Brady. Agora, terão de iniciar consultas, em escala mundial, para ver se concordam em conceder as dispensas das cláusulas que restringem as operações de venda da dívida, com deságio, aos países devedores.

Mulford disse que a fuga de capitais se combate restaurando a confiança do investidor nacional em seu próprio país, com a redução da inflação, o corte do déficit fiscal e uma política monetária saudável. “É aí que estão as soluções reais.”



France-Presse - 5/8/88

Plano Brady: apenas o começo de um processo